

1

Era um entardecer de Primavera em Washington DC, uma manhã fria de Outono em Melbourne e exactamente 22h00 segundo o meridiano de Greenwich quando um verme informático atacou os sistemas de controlo de inúmeras prisões australianas e abriu as fechaduras em muitos outros locais de detenção, alguns dos quais o pirata nem sabia que existiam. Uma vez que, no ano de 2010, a segurança das prisões australianas era, na sua maioria, concebida e vendida por grupos económicos americanos, o verme infectou imediatamente cento e dezassete reformatórios federais, mil e setecentas prisões, e mais de três mil cadeias distritais. Para onde quer que se dirigisse, a sua viagem era subterrânea, na escuridão, como um incêndio florestal a grassar em raízes de árvores. Ao chegar ao seu destino anunciava-se: A EMPRESA ESTÁ SOB O NOSSO CONTROLO. ANGEL DECLARA QUE ESTÃO LIVRES.

Esta mensagem e outras mais elaboradas foram lidas, em inglês, por guardas prisionais no Texas, por empreiteiros

no Afeganistão e no Curdistão, em campos de detenção para imigrantes em Woomera, na Austrália, em prisões da CIA na região de Kimberley, em centros secretos de entrega de prisioneiros, na «unidade de transmissões» americana perto de Alice Springs. Alguns prisioneiros puseram-se em fuga. Outros foram alvejados e mortos. Afegãos e filipinos estupefactos, um adolescente indonésio ferido por disparos, um muçulmano britânico a morrer de desidratação, todos esses indivíduos anteriormente desconhecidos apareceram na televisão pública, a percorrer estradas do interior.

Nos ecrãs de vigilância do centro de detenção de Villawood, em Sydney, apareceu escrito: DURANTE A NOITE O ANJO DO SENHOR ABRIU AS PORTAS DAS PRISÕES E LIBERTOU-OS. O que nos diz esta linguagem sobre o criminoso?, perguntaram os meus ex-colegas.

Queria lá saber. Sentia-me grato por uma história suficientemente importante para me fazer desaparecer das primeiras páginas onde já tinha sido tratado de ALDRABÃO. Passava os dias no Supremo Tribunal da Nova Gales do Sul a pagar ao advogado Nigel Willis quinhentos dólares por hora de modo a poder ser processado por difamação. As «horas facturáveis» de Nigel continuavam a aumentar muito para lá do admissível quando se tornou evidente que ele era um imbecil sem hipóteses nenhuma, mas não desanimas, pá: ele estava a apostar 3 para 2 num recurso bem-sucedido. O facto de o meu advogado também ter um cavalo de corridas não era a questão importante.

Entretanto, não podia fazer grande coisa a não ser ler os jornais. AGENTES FEDERAIS DIZEM QUE ANGEL É UM VERME AUSTRALIANO.

— O réu importa-se de dizer ao tribunal por que motivo está a ler um jornal?

— Sou jornalista, Meritíssimo. É o meu ofício.

As atenções centraram-se então no estado do meu casaco de *tweed*. Ah, ah, Meritíssimo. Quando o tribunal parou de rir, fizemos uma pausa para almoço e, naquele dia sem companhia, levei a minha famosa pessoa caótica até ao jardim botânico, onde li o *Daily Telegraph*. Nos roseirais, por entre o fertilizante de estrume de cavalo, fiquei a saber que o autor do acto terrorista, antes «obviamente» um fundamentalista cristão do sexo masculino, se tinha agora convertido na filha de uma actriz de Melbourne. A traidora parecia muito pálida e muito mais nova do que os seus trinta anos. Dick Connolly colheu os louros da fotografia mas fora o seu editor a retocá-la com *Photoshop*, pois na via real era uma criaturinha sólida, com pernas robustas e vigorosas, nada semelhante à desgraçada do *Telegraph*. Era de Coburg, a norte de Melbourne, um subúrbio industrial plano e abandonado onde, por coincidência, em tempos se localizara a prisão de Pentridge. Apresentou-se na sua acusação oficial com um blusão de capuz, preto, e um andar desengonçado, provavelmente para esconder o facto de a nossa primeira terrorista nacional ter uma cara bonita.

Angel era o seu identificador. Gaby, o seu nome naquele que eu tinha aprendido ser o «mundo real». Foi acusada enquanto Gabrielle Baillieux e muito tempo atrás eu conhecera os pais dela — a mãe era a actriz Celine Baillieux e o pai Sando Quinn, um deputado trabalhista.

Regressei ao tribunal deprimido, não pelo desenlace do meu processo, já predeterminado, mas por me aperceber de que a minha vida no jornalismo estava a ser destruída no momento em que poderia ter esperado conquistar um lugar ao sol.

Tinha publicado vários livros, cinquenta destaques, um milhar de colunas, principalmente relacionadas com o traumatismo infligido ao meu país pelos nossos aliados americanos em 1975. Enquanto os meus colegas chegavam à conclusão de que o pirata estava simplesmente preocupado com a libertação de refugiados dos centros de detenção australianos, eu partilhava a opinião dos nossos aliados americanos segundo os quais aquilo era um ataque aos Estados Unidos. Para mim tornou-se imediatamente claro que os acontecimentos de 1975 tinham sido o primeiro acto de uma tragédia, sendo o Verme Angel uma retaliação. Se Washington estava certo, aquela era a história para a qual passara a vida a preparar-me. Se os «acontecimentos de 1975» vos parecem confusos ou enigmáticos, é precisamente aí que quero chegar. Tudo isso faz parte de «A Grande Amnésia». E isto não é tudo.

No tribunal, ouvi o meu editor apanhar uma desanda do juiz e vi o seu rosto quanto finalmente percebeu que nem sequer conseguiria vender o meu livro como sobras.

— Destruo-os? — perguntou.

— Incluindo o exemplar que tem na mão.

Fui condenado a pagar indemnizações no valor de cento e vinte mil dólares. Tinha seguro ou não tinha seguro? Não sabia.

A multidão à porta do tribunal estava tão feliz como num dia de enforcamento.

— Feels, Feels — gritou o tipo da News International.

— Olha para aqui, Felix.

Era Kev Dawson, um sacaninha cauteloso que ganhava a vida a reescrever comunicados de imprensa.

— Olha para aqui, Feels.

— O que pensas do veredicto, Feels?

O que pensava era o seguinte: o único jornalista de esquerda que nos restava tinha sido lixado. E qual era o meu crime? Repetir comunicados de imprensa? Não, tinha reproduzido um rumor. No mundo dos adultos, um rumor equivale tanto a um «facto» como fumo. Omitir o fumo é não comunicar a ameaça na folha impressa.

No Supremo Tribunal da Nova Gales do Sul isso era difamação.

— E agora, Felix?

Assaltar um banco? Suicidar-me com um tiro? Por certo ninguém me ia dar a história de Angel, embora estivesse mais bem equipado (atenção, revista *Wired*) para a escrever do que qualquer dos miúdos espertalhões que iam ser contratados para fazer esse trabalho. Mas como o juiz tivera a gentileza de referir, já não era possível darem-me trabalho na «sua antiga profissão». Tinha sido um escritor de editoriais, um colunista, aquilo a que chamam um jornalista de investigação. Tinha habitado a Canberra Press Gallery onde os meus «rumores» tinham algum poder. Creio que o Alan Ramsey até talvez gostasse de mim. Durante um breve período, em meados dos anos 70, fui anfitrião do *Drivetime Radio* na ABC.

Era um chefe de família a envelhecer e com uma hipoteca ridícula. Por conseguinte, tinha sido um guionista e um romancista de fim-de-semana. Tinha escrito livros de história e de sátira política, livros de *suspense*, policiais. A adaptação ao ecrã do meu romance *Barbie and the Deadheads* era tema de *workshops* no Robert Redford's Sundance Institute.

Mas durante todo este percurso, mesmo enquanto me punha de cócoras para conseguir «capital de arranque» da Australian Film Commission, continuei a ser um socialista e um paladino da verdade. Tinha tido noventa e oito pro-

cessos antes de me deitarem abaixo com este e, entretanto, denunciara as acções de Kerry Packer e Rupert Murdoch (já agora, ambos ex-alunos da Geelong Grammar School), o que é sempre perigoso para um pai de família e, aparentemente, aterrador para quem confia nele para os amparar. Quando as portas dos principais meios de comunicação social se fecharam para alguém suficientemente idealista para escrever a verdade, continuei a publicar o «Lo-tech Blog», um boletim informativo impresso em papel ácido que era lido por toda a Canberra Press Gallery e todo o Parlamento para além dela. Não perguntem como pagávamos a conta da electricidade.

Trabalhava como jornalista num país onde a informação era controlada por três grupos económicos. A sua capacidade de manipular a «verdade» tornava o direito de voto em grande medida absurdo, mas eu era um jornalista. Fazia o que podia. No «Lo-tech Blog», revelei as referências cobardes da imprensa australiana às mentiras do governo acerca dos refugiados a bordo do malfadado *Oolong*.

«Não consigo compreender como é possível refugiados autênticos lançarem os filhos ao mar», afirmou o nosso primeiro-ministro.

Mais uma vez, como em 1975, ali estava uma mentira à Goebbels. O quarto estado levou um país inteiro a acreditar que os refugiados eram uns porcos e uns animais. E muitos ainda pensam assim.

No entanto, os refugiados ter-se-iam enquadrado aqui. Ter-se-iam sentido em casa com os melhores de nós. Temos uma história de coragem e de resistência, de inventividade face ao isolamento e ao risco de morte. Ao mesmo tempo, infelizmente, exibimos este pavoroso nível de cobardia, subserviência, criminalidade, mediocridade e ganância.

Tinha excesso de peso e sofria de falta de ar, mas senti-me orgulhoso por ser processado, denegrado e vilipendiado, por ser considerado um falhado por aqueles que reescreviam os comunicados de imprensa. Isso reconfortou-me, o que não foi nada mau, por ser o único conforto que me restava. Como se iria confirmar nas semanas seguintes, nenhum dos meus antigos colegas iria salvar-me do lento triturador da alma que é o desemprego.

2

Um hotel de cinco estrelas pode parecer um cenário pouco sensato para um infeliz denegrado e posto à margem ir lambe as feridas, mas o meu velho amigo Woody «Wodonga» Townes tinha o Wentworth em alta conta. Todos os meus amigos mais queridos manifestam um amor apaixonado pela conversa e pela bebida, mas destes distintos convivas era Woody Townes quem levava a palma. Estivera presente no tribunal todos os dias, embora tivesse de voar setecentos quilómetros desde Melbourne. Qualquer conflito em que me visse envolvido, ele estava sempre ao meu lado. E quando fui submetido ao azorrague da imprensa, encontrava-o onde sabia que estaria, onde estava à espera quase todas aquelas tardes macabras, com o seu corpo bem nutrido entalado numa pequena cadeira de veludo no chamado Garden Court. Mal me avistava, começava a servir champanhe com a mão esquerda. Era uma pose característica: a perna pesada apoiada na coxa reluzente, o cotovelo direito bem elevado para desviar as atenções de um empregado de mesa ansioso.

Examinei as barrigas das pernas brancas, descobertas, do meu leal amigo, o seu cinto extraordinário, o pescoço grosso, as faces afogueadas, e pensei, não pela primeira vez, que é um talento de Melbourne produzir estas figuras formidáveis que parecem saídas do século XVIII. Num espaço mais disputado, a vida comprimi-las-ia, mas a sul, no extremo parisiense da Collins Street, nada havia a impedi-lo de se expandir para ocupar todo o cenário. Ele era uma gravura de Gillray — indulgência, opinião, poder.

O meu companheiro era «promotor imobiliário» de profissão, e por vezes imaginava-o envolvido nos negócios duvidosos da sua casta. A minha mulher achava-o uma criatura repelente, mas nunca concedeu a si mesma uma hipótese de o conhecer. Era em simultâneo um homem rico e um paladino destemido da esquerda. Era também defensor fiel de causas impopulares e (embora possivelmente não tivesse ouvido para a música) presidente da South Bank Opera Company. Dava apoio financeiro pelo menos a dois compositores atonais que, de outro modo, teriam de trabalhar como professores do ensino secundário. Também tinha financiado a minha peça votada ao fracasso. A linguagem de Woody podia ser insultuosa. Por vezes, estragava a sua filantropia exigindo ser reembolsado através de pequenos serviços, mas podia-se confiar nele para se confrontar física e juridicamente com a injustiça. Numa época em que o Partido Trabalhista Australiano se estava a encher de carreiristas de colarinho branco, acabados de sair da universidade, Woody era da velha escola — não receava as consequências das suas convicções.

— Que se vão todos foder — disse, enterrando no gelo a garrafa de champanhe.

Esse iria ser praticamente o conteúdo da nossa conversa e, três garrafas mais tarde, após várias rodadas de iguarias apetecíveis, pediu a conta, pagou de um rolo de notas de cinquenta, meteu-me num táxi e deu-me uma senha própria para assinar no fim da corrida.

— Não vamos render-nos — foram as suas palavras de despedida, ou qualquer coisa próxima disso.

Era apenas um pequeno percurso pela Anzac Bridge até à nossa casa em Rozelle. Aí esperava-me a melhor parte da minha vida — a minha mulher, duas filhas — mas, na estreita passagem entre a nossa casa em banda ligeiramente húmida e a habitação contígua, erguiam-se, por qualquer acaso maligno, cinco caixotes de cartão com o meu livro, perfidamente entregues nessa mesma tarde.

Seriam para eu destruir?

Não era hilariante o meu editor rubicundo, com a sua grande moradia em Pymble, ter-se dado ao trabalho e à despesa de mandar entregar aqueles caixotes à minha humilde porta? De tanto rir, mal consegui atravessar a casa com aquele fardo. As minhas filhas viram-me e pareceram ralar-se tão pouco com a minha desdita que foram imediatamente ver os Kardashian na televisão. A Claire devia estar por ali algures, mas ainda não a tinha visto. Estava muito mais ocupado a cumprir a decisão judicial.

Nunca consegui atear fogo a um churrasco. As minhas aptidões manuais eram nulas. Quem manejava o berbequim eléctrico não era eu, mas a minha atlética Claire.

Como é natural, exagerei nas acendalhas. Será verdade que metera uma acendalha grátis em cada livro? Seria uma piada? Como havia de saber? Não deitei fogo aos meus livros movido por um patético sentimento de autocomiseração, mas sem dúvida que foi estúpido ou, pelo menos,

pouco sensato acrescentar um litro de gasolina àquelas chamas débeis. Não estava preparado para a força violenta, para o sopro que me levou as sobrancelhas e se transmitiu aos ramos mais baixos do nosso amado jacarandá.

Quando as chamas se propagaram dos ramos à ampliação do segundo andar, devia — as pessoas não se cansam de insistir — ter pegado na mangueira do jardim e apagado o fogo. Muito bem, mas esses queridos amigos não viram o que eu vi. Tomei a minha decisão. Pus a vida humana à frente do património imobiliário. Corri escada acima e arranquei a assistência nos Kardashians. Sim, os meus amorzinhos eram adolescentes. Sim, resistiram, mas não havia tempo para explicações e não tive outro remédio senão tratá-las com rudeza. Consta que o cheiro exalado por mim era «um cruzamento de *pub* com cortador de relva». Fi-las sair a toda a velocidade para a rua e deixei-as aos gritos.

Não sei o que aconteceu então, mas o redactor publicitário da porta ao lado raptou as minhas meninas e dentro em pouco os bombeiros de Balmain empurravam-me para o lado e arrastavam as suas mangueiras imundas pela entrada da nossa casa, e Claire, a minha esposa, meu consolo, minha amante, minha amiga, estava à minha espera.

O que se seguiu não deverá chegar aos ouvidos das nossas filhas. Mas nunca esquecerei as palavras exactas proferidas.

3

Claire era inteligente, simpática e divertida. Dormia com o nariz mesmo por cima dos lençóis como um pequeno gambá. Acordava a sorrir. Raspou um século de tinta das balaustradas e aplicou-lhes cera e óleo até reluzirem. Trepava para o telhado durante trovoadas, para tirar as folhas das caleiras entupidas. Fez campanha de porta em porta para a eleição intercalar de Leichhardt. Tinha um curso de cerâmica japonesa e a sua obra fazia parte de colecções de museus, mas não havia uma noite em que chegasse a casa vindo de Canberra, de Melbourne ou de um *pub* do sindicato em Sussex Street e ela não estivesse à espera para ouvir o que tinha acontecido.

De um modo geral, era considerada uma mãe perfeita, enquanto era sabido que eu fora infiel ou, pelo menos, tentara sê-lo. Constava que andava permanentemente embriagado e que era impaciente com pessoas decentes cujas opções políticas não me agradavam. Supostamente, era incapaz de manter um emprego. Consideravam-me um

comunista sem inteligência suficiente para perceber que se tinha tornado historicamente irrelevante.

Claire passava o dia a gretar as suas vigorosas mãos quadradas com argila arenosa, extraindo desse sacrifício humano pescoços longos e lábios minúsculos unidos num beijo. Cozinhava como a filha de agricultor que era: perna de borrego, legumes no forno, molho de carne como deve ser. Mas todas as noites devorava a vida que eu levava para casa. A minha querida era aquilo a que se costuma chamar uma viciada em política — uma expressão horrorosa — mas eu dava-lhe o que mais desejava. Durante anos e anos divertimo-nos. Sim, fiquei com barriga e tinha vergonha de ir correr. Como toda a gente notava, ela mantinha-se esbelta e elegante. Usava *jeans*, corta-ventos e ténis e cortava o cabelo a si mesma, abstendo-se de pernas *sexy* e de saltos instáveis e excitantes. Depois do incêndio, vim a saber que alguns amigos se perguntavam se ela seria *gay*. Idiotas. Nenhum deles fazia a menor ideia da nossa vida amorosa. Éramos loucos e ternos de maneiras que só nós sabíamos. Se não fosse a dívida, hoje estaríamos na cama.

Algumas pessoas são boas com as dívidas. Nós éramos maus nisso, e só o descobrimos como quem enjoa só se apercebe da sua fraqueza depois de o barco se fazer ao mar. Éramos um jornalista e uma ceramista convencidos de que podiam pôr as filhas a frequentar uma escola privada cara. Estão a ver a graça.

Um pouco atrás, descrevi como abandonei aquelas miúdas na rua. Abandonei? Pelo amor de Deus, elas já estavam quase no fim da sua curva de investimento. A avaliar pelas conversas delas, ninguém iria sonhar que os pais eram socialistas de terceira geração. Elas recordar-se-iam do pai

a fazer panquecas na lareira fumegante? Ouviriam a linda voz da mãe a cantar «Moreton Bay»?

*I've been a prisoner at Port Macquarie
At Norfolk Island and Emu Plains
At Castle Hill and cursed Toongabbie
At all those settlements I've worked in chains
But of all places of condemnation
And penal stations of New South Wales
Of Moreton Bay I have found no equal
Excessive tyranny each day prevails.*

Cantava isto às nossas filhas? Podem crer que sim.

Tínhamos cometido o tremendo erro de mandar as nossas filhas para a escola com os filhos dos nossos inimigos. Pensámos estar a salvar a Fiona da dislexia. Na realidade, estávamos a destruir a família, submetendo-a a um esforço financeiro insuportável. Nem uma única vez, nem por um segundo, me teria ocorrido classificar Claire como tímida. Como havia de saber que a dívida a deixaria tão amedrontada? Conseguíramos uma linha de crédito de 50 000 dólares e cada vez que me revelava tal como era ela odiava isso. Anteriormente, amava-me por essas qualidades — refiro-me à minha necessidade quase genética de arriscar, de defender princípios, de pegar o touro pelos cornos. Não era capaz de fazer compromissos, mesmo quando — tantas vezes — sentia medo físico. Não via a espada suspensa sobre o leito conjugal. Recusava compromissos a que, no seu íntimo, a minha mulher me considerava moralmente obrigado.

E claro que as nossas filhas não faziam a menor ideia do que estava em jogo. Se davam atenção a um jornal, era apenas à secção de futilidades. Duvido que tivessem lido

uma única palavra escrita por mim, e não faziam ideia do meu trabalho e da minha vida. Nunca tinham dado pelas provas que justificariam as minhas ausências. Se permitia que a relação de Claire com elas fosse a mais forte, isso devia-se ao facto de ver como a mãe desejava que fossem «as minhas filhas». Só uma vez lhes comprei roupa (*T-shirts*, foi tudo). Depois percebi que aquela tarefa não era para mim e que nunca mais devia tentar.

Antes daquele último processo por difamação, Claire tinha sido o pendura na moto, aquele que fecha os olhos e se agarra com força, mas o veredicto do Supremo Tribunal foi a gota que fez transbordar a taça: quando ouviu a dimensão dos estragos, foi-se abaixo.

Em criança, vira a quinta da família ser tirada pelo banco. Seria por isso? Seria por outra coisa qualquer? Fosse como fosse, não acreditou quando lhe assegurei que «tudo se há-de compor» porque o Woody tinha voado de Melbourne para estar presente no tribunal. Ele não dera garantias nenhuma. Claire tinha razão ao dizer aquilo, mas não podia entender que aquele era precisamente o tipo de situação em que se podia confiar no Woody. Não podia compreender a influência dele. Não queria saber que me tivesse salvado do meu carro em chamas. Tudo o que via era que o pai dele tinha sido um explorador dos mais desfavorecidos e um vigarista.

Também não confiava em Nigel Willis, porque estava convencida, e bem, de que era amigo do promotor público. Disse-lhe que isso não tinha importância, e tinha razão. Se tivesse confiado em mim, teria voltado a subir para a moto e tê-la-ia transportado por uma estrada às curvas a cento e cinquenta quilómetros por hora. Teria ganhado o recurso. Teria conseguido resolver o problema das custas

judiciais, e teríamos celebrado como havíamos feito já tantas vezes.

«Tudo se há-de compor», disse-lhe, e foi terrível ver a fúria nos olhos dela.